

E NINGUÉM FOI PRESO

É verdade, aconteceu e ninguém foi condenado a uma dura e merecida pena de prisão. Depois de consumado o acto de duvidosa privatização dos ENVC, alguém que se denominava como Conselho de Administração, sob a orientação de outrem entreteve-se a destruir a alma dos ENVC, numa sanha persecutória que poderia envergonhar até o mais ousado dos cidadãos.

Depois de espartilhado todo o património administrativo, imagético e industrial da empresa, depois de usurpado o património que pertencia ao Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhadores, depois de ter sido dada preferência aos museus fora de Viana para acolherem bens que são pertença de Viana, seguiu-se o ataque selvagem a um património industrial histórico de elevado valor cultural e sentimental para os vianenses.

Nos terrenos dos ENVC, no jardim junto à Avenida do Atlântico, foi cometido o último crime em relação a Viana do Castelo. O ecomuseu, com várias peças da fundação da empresa, dos primeiros navios construídos na década de 1940, e outros, foi pura e simplesmente arrasado. O trabalho de inventariação e recuperação de materiais com história, e que deviam ser preservados como testemunho para conhecimento das actuais gerações e gerações vindouras, que consumiu anos de canseiras, o trabalho de custos avultados para ser exposto e mantido, o trabalho que serviu como fonte de informação para milhares de alunos das escolas, em pouco tempo foi literalmente destruído.

Os materiais acabaram por ser vendidos como sucata, quando deveriam ser expostos num espaço público da cidade, em homenagem ao passado grandioso de Viana com o mar. Até mesmo o sucateiro que os adquiriu confessou que lhe custou muito ver derreter nos fornos siderúrgicos materiais que sabia que tinham muito valor histórico. Mas nada podia fazer, porque a sua vida – diz o mesmo – é o negócio. “Ainda esperei durante meses que me contactassem, mas não vi preocupações da parte de ninguém”, dizia-nos pelo telefone, contristado, o comprador.

E assim liquidaram impunemente um património que representava um passado de glória, não só para a empresa e os seus trabalhadores, que o detinham e tiveram a preocupação de o expor, mas também para todos aqueles – e foram tantos – que tiveram ligações à vida marítima e, ainda, para os que sentem o mar como parte das raízes da sua cidade.

O património industrial está há décadas protegido, especialmente nos países europeus e, para que se definam critérios específicos para a sua protecção, é desde há muito tempo alvo de intenso debate em Portugal, mas ainda há um longo caminho a percorrer, a começar na valorização do ser humano, fazendo-lhe compreender que o ódio é próprio das pessoas mal formadas e que o dano propositado revela mesquinhez, que a sociedade, a seu tempo, saberá julgar.